

QUINTA-FEIRA • 12 DE NOVEMBRO DE 2015

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30855
de 12 de Novembro de 2015, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

REPORTAGEM

TRABALHAR PELO AMANHÃ

PREVENIR RESÍDUOS
E REDUZIR O DESPERDÍCIO

P. 3-5

SOMA

“A ESTRADA”: CORMAC MCCARTHY POR JOHN HILLCOAT



MIGUEL MIRANDA

PADRE

O tom é lamacento. O tempo, monolítico, como se outra estação não houvesse senão esse Inverno do nosso (deles) descontentamento. O ritmo, lento, pesado, como se pai e filho andassem às voltas num beco sem saída, no recreio de uma penitenciária ou mesmo no corredor da morte; como aqueles jogadores azarados que ao lançar os dados vão sempre parar àquela casa que os obriga a regressar ao ponto de partida. Há realmente alguma estrada em “A estrada”? Se há, não se vê; senão, talvez, ao longe. Há estradas. Caminhos. Há bosques e uma praia. Há escolhas. Esta “estrada” está longe de “La strada” (Fellini, 1954), pois onde Gelsomina (Giuletta Masina) se via aprisionada por quem

lhe estava ou era mais próximo (a mãe, o *entertainer* Zampanò), aqui o filho é obstinadamente protegido pelo pai (brilhantes interpretações de Kodi Smith-McPhee e Viggo Mortensen); nada que ver, também, com o aventureirismo do *on the road* de Kerouac e amigos – porque uma coisa é deambular por vocação, outra por obrigação. É duro o contexto deste filme realizado em 2009 pelo australiano John Hillcoat (mais conhecido pelos documentários musicais para Nick Cave, Bob Dylan ou Johnny Cash) sobre o premiadíssimo romance de McCarthy – vencedor do Pulitzer. Num futuro marcado pela extinção dos humanos, consequência de um misterioso cataclismo (mas estão aqui de todo ausentes os habituais clichés do *sci-fi*), “A Estrada” narra-nos a história da sobrevivência de um pai e de um filho, por entre ameaças várias, a maior das quais parece ser (é natural que o seja) o canibalismo (mas desengane-se quem pensa que vai encontrar por aqui traços das séries da moda, como *The walking dead* e afins – Hillcoat quis, e bem, permanecer fiel ao texto original). Porque, caro leitor, nada sobrou: tudo foi destruído, a terra é infértil, tudo

é desolação. Sombras e nevoeiro. Arranjar comida tornara-se, pois, a única preocupação dos sobreviventes, que se “organizam” em duas categorias: predadores e presas. Arranjar comida e continuar. Continuar, sempre. Como se a cada passo ouvíssemos o Anjo



de YHWH a falar com o jovem Elias. “Levanta-te e come, tens ainda um longo caminho a percorrer” (1 Re 19, 7). O pai tem duas balas no revólver (a arma torna-se a dado passo verdadeiramente uma personagem do filme) e ensina o filho como deve

usá-la em caso da maior iminência do perigo: “Pões dentro da boca e apontas para cima; depois, puxas o gatilho”. Mas o filho não vai na conversa. Perante a insegurança e o medo exibidos a cada passo pelo pai na sua saga protectora, é o pequeno quem acaba por revelar mais sangue-frio (e até sentido de solidariedade) nas circunstâncias que mais se prestariam à insensatez do desespero. O filho ensina o pai. Em *off* e entre *flashbacks* da sua vida anterior – que, na presente conjuntura, resvalam para pesadelos –, o pai procura articular ideias e sentidos para esta demanda da vida; chega mesmo a dirigir-se a nós após disparar contra (e matar) um rufia que encostara uma naífa ao pescoço do gaiato: “Conseguiam fazê-lo, se fosse necessário?”. Conseguias? O pai não sobrevive. O filho encontra uma família de sobreviventes com pai, mãe e dois filhos e “adota-os”. “A estrada” não nos apresenta (longe disso) uma relação pai-filho visceral, sufocante, no sentido em que, por exemplo, a interpreta Sokurov (“*Pai e filho*”, 2003). Mas oferece-nos, sem lenços de papel, uma bela história de amor em tempos de cólera. “Será que ninguém consegue ver? Nós temos uma guerra para lutar. Nunca encontrámos o nosso caminho, apesar do que eles dizem” (Portishead, “Roads”). Navegar é preciso.

PAPA FRANCISCO: “UMA MUDANÇA DE ERA”

Numa altura em que as expectativas sobre mudanças na Igreja Católica se encontram em alta, na sequência das questões debatidas no Sínodo da Família, o Papa Francisco fez, anteontem, em Florença, um resumo da sua visão da Igreja Católica mostrando-se a favor de alguns “ventos de mudança”, sem, contudo, especificar reformas concretas. O chefe da Igreja Católica referiu que a Igreja deve estar “aberta à mudança” e rejeitar um “estilo duro e controlador”, acrescentando: “Nós não estamos a viver uma era de mudança, mas uma mudança de era”. Insurgindo-se contra o conservadorismo e o fundamentalismo, Bergoglio ressaltou que a doutrina cristã “não é um sistema fechado, incapaz de levantar questões ou dúvidas, mas é antes um sistema vivo e capaz de se adaptar”. Assim, o Santo Padre deixou um apelo aos católicos, para constituírem uma “Igreja livre, aberta aos desafios do presente”, manifestando-se contra uma posição

“defensiva, devido ao medo de se perder algo”. “É a discussão e a crítica que ajudam a prevenir que a teologia se transforme em ideologia”, afirmou o Papa enquanto sublinhava que não devemos ter “medo do diálogo”. Dirigindo-se aos bispos italianos, Francisco clamou por uma Igreja humilde, que não se deixe influenciar por “motivações egoístas”. Relembrou ainda que “o Senhor derramou o seu sangue não por alguns, não por poucos, não por muitos, mas por todos” e apelou a uma maior atenção e diálogo com os pobres. “Sejam pastores, e nada mais”, rematou. O Santo Padre deixou também uma mensagem aos jovens italianos: “Sejam construtores de uma Itália melhor”. Convidando os jovens a abandonarem a “apatia” e a comprometerem-se com causas políticas e sociais ao invés de se limitarem a “ver a vida através da varanda”, Francisco convidou os jovens a aprenderem a ser “modelos de palavra e actos”.

POLÉMICAS NÃO EMPATAM REFORMAS

Já no Domingo passado, Francisco tinha demonstrado a sua persistência em avançar com as reformas que pretende implementar no seio da Igreja Católica. Na oração do *Angelus*, referiu-se ao já chamado “Vatileaks 2”, reforçando que, apesar dos contratempos, as reformas continuam. A polémica em volta do “Vatileaks 2” diz respeito à fuga de informação de documentos confidenciais que incidem sobre o desvio de fundos destinados aos pobres e doentes, para financiar o estilo de vida de alguns cardeais. A partilha desses documentos culminou com a publicação de dois livros sobre a matéria e com a detenção de dois membros de uma comissão criada pelo Papa para estudar as reformas na Igreja Católica. O Santo Padre revelou que “sentiu a perturbação dos fiéis” relativamente a estas revelações. “Roubar estes documentos é um crime e um acto deplorável que em nada ajuda. Eu e os meus colaboradores já conhecíamos bem estes documentos, já

estavam a ser estudados, e deram lugar a medidas que começaram a dar os seus frutos, alguns mesmo visíveis”, explicou o Papa Francisco. No entanto, Bergoglio garantiu que “este facto triste” não o desvia do “trabalho de reformas” que a Igreja está a “levar a cabo”.





FLÁVIA BARBOSA

Em Maio deste ano, o Papa Francisco publicou a encíclica *Laudato Si'*. O documento, mais do que um manifesto pró-ambiental, constituiu um verdadeiro despertar de consciências sobre a importância da ecologia. Bergoglio não poupou nas palavras e evidenciou a progressiva deterioração da Terra, do clima, do meio ambiente em geral. Para além das críticas tecidas, o Santo Padre também sugeriu iniciativas para travar aquilo que parece caminhar para uma inevitável catástrofe. Mas o que se passa afinal com o nosso planeta? Qual é o nosso lugar nesta batalha? A que “previsões catastróficas” se refere Francisco?

COMEÇAR PELO FIM

Cantoneiro: “encarregado de conservação de um cantão (secção de estrada)”, de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa (*Porto Editora, 2011*). Carlos Martins e Domingos Araújo são cantoneiros. Fomos acompanhá-los numa noite de trabalho, juntamente com Duarte Gomes, o responsável por manobrar o “camião do lixo”. A designação da profissão patente no dicionário torna-se insuficiente para relatar aquilo a que assistimos na noite em que acompanhámos o trabalho de uma das equipas de recolha do lixo na cidade de Braga. São 20h00 e os três homens já se encontram devidamente equipados, prontos para iniciarem o circuito que percorre fundamentalmente as ruas do centro histórico da cidade. Não chove, mas o céu está carregado. O processo parece quase automático: os cantoneiros vão subindo e descendo do patim do camião, o motorista vai parando e arrancando conforme o lixo é recolhido. Em conversa com Duarte, ficamos a saber que tem uma câmara dentro da viatura que lhe permite ver todos os movimentos dos colegas. Perguntamos se nunca se sente sozinho. “Não, já me habituei. O rádio é a minha companhia”, sorri. Os três responsáveis nunca



VANTAGENS DA RECICLAGEM

1. Economizar energia: fabricar materiais a partir de resíduos consome menos energia do que fabricá-los a partir de matérias-primas virgens e evita a emissão de gases de efeito de estufa responsáveis pelo aquecimento global.

2. Poupar matérias-primas: ao utilizarmos as embalagens usadas como matérias-primas secundárias, estamos a poupar matérias-primas virgens. Assim adiamos a extracção de minério, o abate de árvores e a extracção de petróleo.

3. Reduzir resíduos: quanto menos resíduos forem para um aterro sanitário, mais anos de vida útil este terá e menos aterros serão construídos em locais que poderiam ser utilizados de outras formas pela população.

demonstram impaciência, apesar de estarmos conscientes de que a nossa presença acaba por atrapalhar um pouco o trabalho. Nem uma hora depois de termos começado o circuito, já a nossa equipa tem dificuldades em acompanhar os trabalhadores. Já pesam as pernas, a nossa respiração está ofegante. Começou entretanto a chover, as roupas também começaram a ficar mais pesadas. Carlos e Domingos continuam metodicamente a recolher os vários sacos do lixo: conseguimos perceber quando estes são mais pesados pelo esforço estampado no rosto e braços dos dois homens. “O peso não é nada comparado com outras coisas... Isto é uma espécie de ginásio ao ar livre. Pior mesmo é quando nos magoamos, o que acontece com alguma frequência”, explica Domingos. Vidros acomodados nas sacas – fruto de copos ou garrafas partidos – são a principal fonte de acidentes de trabalho. “E as luvas não evitam os cortes?”, perguntamos. Não. As luvas não podem ser demasiado espessas, ou é impossível cumprir eficazmente o trabalho. Agora é o odor que emana dos sacos que nos começa a incomodar. Domingos e Carlos prosseguem com naturalidade. Não temos coragem de nos queixar apesar da distância

já percorrida, da chuva, do cheiro; os cantoneiros ainda têm o peso do lixo a somar a todos esses factores. Perguntamos o que é preciso para uma noite correr bem. “Que ninguém se magoe e que não haja carros a atrapalhar o circuito”, responde Carlos.

Algumas ruas do centro são exíguas, o camião mal consegue passar. Conseguimos ver Domingos na cabina a calcular as distâncias, a verificar os espelhos, a rodar o volante com mestria. Nem de propósito, numa rua bastante inclinada e de sentido único, um carro mal estacionado barra-nos a passagem. Duarte buzina. Carlos e Domingos percorrem a rua a pé, na tentativa de encontrar o condutor. É escusado, ninguém aparece. O camião é obrigado a recuar, juntamente com outros carros que entretanto já atrás aguardam. São quinze ou vinte minutos de atraso causados por um estacionamento indevido. “Isto não é nada”, confessa Duarte. Umas noites antes, uma situação semelhante causou um atraso de pelo menos uma hora.

UMA PROFISSÃO DESVALORIZADA

Mais ou menos a meio do percurso seguimos para a Póvoa de Lanhoso, rumo ao aterro sanitário onde é descarregado o lixo. Este “desvio” significa que o depósito do camião já não consegue compactar mais resíduos, sendo necessária uma descarga para ser possível prosseguir com a recolha. Quando regressamos, agora a uma zona mais periférica da cidade, não vemos Carlos. Só algumas horas depois percebemos: ficou noutras artérias, a pé, juntando sacos que depois Domingos recolhe para o camião. Esta distribuição de trabalho é rotativa, os dois homens revezam-se a cada noite. Muitos quilómetros depois, Carlos junta-se ao camião novamente. As expressões dos dois colegas já estão mais carregadas. Voltamos a passar em algumas ruas que já tínhamos percorrido: já não se vê lixo, sacos ou caixotes; as ruas estão desimpedidas e limpas. Não os acompanhamos na última descarga ao aterro, mas aguardamos por eles nas instalações da AGERE.

São duas da manhã. Depois de despirem a farda, conversam connosco sem pressas.

“Ninguém dá valor à nossa profissão”, anuem os três. Falam das reclamações, das exigências dos munícipes, dos acidentes de trabalho, dos impedimentos que provocam atrasos.



Duarte Gomes



Carlos Martins



Domingos Araújo

“As pessoas não fazem ideia do que um copo partido no lixo pode causar a quem está a recolhê-lo. Quando não são seringas...”, acrescenta Carlos.

No dia 15 de Fevereiro de 2015, no âmbito da reforma da fiscalidade verde, os sacos plásticos começaram a ser pagos nas superfícies comerciais. A medida de cariz ecológico revelou-se para nós contraproducente nesta noite. Uma boa parte do lixo recolhido estava acondicionado em papel ou cartão, materiais que poderiam ter sido reciclados. Neste caso, e susceptíveis a qualquer chuvada, deixam a via

pública imunda e atrapalham o trabalho de quem recolhe o lixo.

UM TRABALHO INTEGRAL E CONJUNTO

Voltemos ao início.

“As previsões catastróficas já não se podem olhar com desprezo e ironia. Às próximas gerações, poderíamos deixar demasiadas ruínas, desertos e lixo. O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do planeta, que o estilo de vida actual – por ser insustentável – só pode desembocar em catástrofes, como aliás já está a acontecer periodicamente em várias regiões”, escreveu o Papa Francisco (*LS*, 161). “A atenuação dos efeitos do desequilíbrio actual depende do que fizermos agora, sobretudo se pensarmos na responsabilidade que nos atribuirão aqueles que deverão suportar as piores consequências”, acrescentou.

Bergoglio sugere que todos nós temos um papel a desempenhar para evitar as proporções catastróficas que o nosso *modus vivendi* pode comportar. Uma forma de contribuir para um planeta e sociedade mais amigos do ambiente é através da prevenção de resíduos e da diminuição do desperdício. Apesar das várias campanhas e acções de sensibilização levadas a cabo por diferentes entidades um pouco por todo o mundo, os progressos neste sentido parecem ser insuficientes. “Ainda não se conseguiu adoptar um modelo circular de produção que assegure recursos para todos e para as gerações futuras e que exige limitar, o mais possível, o uso dos recursos não-renováveis, moderando o seu consumo, maximizando a eficiência no seu aproveitamento, reutilizando e reciclando-os” (*LS*, 22).

Os problemas ambientais relacionados com os resíduos não estão directamente associados à sua produção por si mesmos. As perturbações e adversidades surgem quando os resíduos não são reaproveitados (constituindo desperdícios do sistema económico) e quando a gestão de resíduos não é realizada de forma adequada, dando origem a impactos ambientais elevados.

EFEITOS CONCRETOS

De forma a percebermos melhor os impactos que a poluição e os resíduos urbanos podem causar a curto, médio ou longo prazo, falámos com Virgínia Teles, docente de «Avaliação e Estudo de Impacte Ambiental» na Universidade do Minho.

“Apesar de já termos evoluído bastante desde o tempo das lixeiras a céu aberto, mas com os aterros há problemas que persistem e que são inerentes aos resíduos. Com as chuvas, e mesmo no dia-a-dia, com a passagem do tempo, a compactação vai fazendo com que o material depositado se vá infiltrando nos solos. Passa a existir contaminação, o que gera uma perda de qualidade dos solos, já que estes vêm alterada a sua composição química e biológica. As águas passam também a ser contaminadas, claro. Associado a isso tudo há também um problema do odor, dos maus cheiros que também acabam por desvalorizar estas áreas, que por si mesmas já precisam de estar afastadas de zonas populosas. Com esta contaminação do ar aparecem os roedores, as pragas...”, explicou a docente. Apesar de apontar a mudança dos actuais estilos de vida como premissa indispensável para a valorização dos resíduos, Virgínia reconhece que esta tarefa não é assim tão simples. “Penso que o ideal no que toca à produção de resíduos seria tentar minimizar o desperdício, o que se torna numa coisa cada vez mais complicada. As pessoas querem ter uma certa qualidade de vida, querem mais coisas, o que origina mais desperdício. Seria bom que se mudassem comportamentos,



Virgínia Teles



VEJA O VÍDEO DA REPORTAGEM EM
www.youtube.com/diocesebraga

que existissem as chamadas boas práticas destas questões e que a reciclagem e a reutilização passassem a ser práticas ainda mais usuais. Temos que ser justos e perceber que uma boa parte disto já acontece, sobretudo com as crianças, que cada vez mais fazem a recolha selectiva e acabam por passar estes ensinamentos aos adultos”, afirmou. Muitas vezes sem nos apercebermos, os nossos gestos quotidianos traduzem-se em “formas de poluição que afectam diariamente as pessoas” (LS, 20). A poluição, que afecta a todos, parece também ser causada um pouco por cada um: “pelos transportes, pelos fumos da indústria, pelas descargas de substâncias que contribuem para a acidificação do solo e da água, pelos fertilizantes, insecticidas, fungicidas, pesticidas e agro-tóxicos em geral” (LS, 20). Virgínia alertou-nos igualmente para a possibilidade cada vez mais próxima de esgotarmos

determinados recursos naturais, algo a que o Papa Francisco também alude na encíclica.

BENEFÍCIOS DA VALORIZAÇÃO DE RECURSOS

A utilização dos recursos naturais supra mencionados e a produção de resíduos acabam por ser duas faces da mesma moeda. Os resíduos são um recurso potencial quando são reutilizados, reciclados ou valorizados. Mas quando eliminados, constituem uma perda de recursos. O Plano Estratégico para os Resíduos Sólidos Urbanos (PERSU), aprovado originalmente em 1997, é uma planificação que implementa um conjunto variado de acções que visa a minimização de desperdícios e a valorização de recursos, aumentando as taxas de recolha selectiva e desviando resíduos urbanos de aterro. O PERSU traçado para 2020 estabelece, sumariamente, duas metas: até 31 de Dezembro de 2016,

alcançar uma redução mínima da produção de resíduos por habitante de 7,6% em peso relativamente ao valor verificado em 2012; até 31 de Dezembro de 2020, atingir os 10% de redução face a 2012.

Em Maio de 2014, um ano antes da publicação da encíclica, era apresentado ao público o estudo “Contributos da Gestão de Resíduos Urbanos para o Desenvolvimento Socioeconómico e Ambiental de Portugal”, encomendado pela Sociedade Ponto Verde. O documento estimava que a entrada em vigor do PERSU 2020 teria um impacto económico directo de cerca de 100 milhões de euros, o que demonstra o “contributo muito significativo que o sector dos resíduos tem para a economia portuguesa”.

Júlio Fernandes, Director de Serviços de Estaleiro da AGERE, refere que “apesar da crise”, a produção de resíduos se tem mantido estável nos últimos anos, havendo apenas picos de aumento típicos no Natal, Páscoa e Verão.

O método de recolha adoptado em Portugal, porta-a-porta e diário, contraria o da maioria dos países europeus. “Tal como qualquer um dos outros outros métodos, tem as suas vantagens e desvantagens. Por um lado, há todo o esforço e desgaste dos nossos cantoneiros, motoristas e mesmo das viaturas. Por outro, este método assegura um índice de limpeza elevado”, afirma o responsável.

O Director de Serviços explica-nos que Braga se situa na média nacional no que diz respeito à produção de resíduos urbanos, sensivelmente 1.100 kg por habitante. “Faz parte das obrigações do nosso departamento agilizar os circuitos de forma a garantir que cada município tem um ponto de recolha a cada cem metros. Há todo um processo de planificação, gestão e controlo por trás de cada rota traçada, cada viatura escolhida, cada ponto de recolha assinalado. Nem sempre é fácil superar todos os constrangimentos, mas temos conseguido...”, refere.

Os impactos que as más políticas dos resíduos podem causar afectam-nos a todos, mas é também nas nossas mãos que reside o poder de os minimizar. Valorizar, reutilizar e reciclar, mais do que deveres, são responsabilidades sociais imprescindíveis ao cuidado da “casa comum”.



EM CASA

- Usar lâmpadas de baixo consumo
- Preferir produtos de longa duração aos descartáveis
- Colocar “Publicidade aqui não” na caixa de correio
- Dar uma segunda vida à roupa inutilizada, oferecendo-a a obras de caridade, a associações, a amigos ou a membros da família
- Optar por fraldas reutilizáveis
- Plantar as próprias ervas aromáticas

NO TRABALHO

- Dar prioridade às comunicações por e-mail
- Imprimir apenas páginas necessárias e utilizar a opção frente e verso da impressora
- Levar os tinteiros e os toners vazios ao fornecedor para os voltar a encher
- Levar a própria chávena ou caneca para o chá, evitando o consumo de copos de plástico

NA ESCOLA

- Antes de comprar novo material escolar, verificar o que tem em stock e o estado do material do ano anterior para eventual reutilização
- Optar por material recarregável que possa ser conservado durante um período de tempo mais longo

“O FILHO DO HOMEM ESTÁ PERTO, ESTÁ MESMO À PORTA”

XXXIII DOMINGO
COMUM B



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Eu venho, Senhor, à Vossa presença*, F. Santos (NCT 218)
- **CORDEIRO DE DEUS:** M. Simões (IC, p. 61; NRMS 50-51)
- **COMUNHÃO:** *Tudo o que pedirdes na oração*, C. Silva (OC, p. 256)
- **PÓS-COM.:** *A messe é grande*, C. Silva (IC, p. 363; NRMS 94)
- **FINAL:** *Somos testemunhas de Cristo*, Az. Oliveira (IC, p. 573; NRMS 35 e 82-83)

EUCOLOGIA

Orações próprias da Missa do Domingo XXXIII do Tempo Comum (*Missal Romano*, p. 427).
Oração Eucarística V/B com prefácio próprio (*Missal Romano*, pp. 1163ss).

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Dan 12, 1-3

Leitura da Profecia de Daniel

Naquele tempo, surgirá Miguel, o grande chefe dos Anjos, que protege os filhos do teu povo. Será um tempo de angústia, como não terá havido até então, desde que existem nações. Mas nesse tempo, virá a salvação para o teu povo, para aqueles que estiverem inscritos no livro de Deus. Muitos dos que dormem no pó da terra acordarão, uns para a vida eterna, outros para a vergonha e o horror eterno. Os sábios resplandecerão como a luz do firmamento e os que tiverem ensinado a muitos o caminho da justiça brilharão como estrelas por toda a eternidade.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 15 (16)

Refrão: Defendei-me, Senhor: Vós sois o meu refúgio.

LEITURA II Hebr 10, 11-14.18

Leitura da Epístola aos Hebreus

Todo o sacerdote da antiga aliança se apresenta cada dia para exercer o seu ministério e oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca poderão perdoar os pecados. Cristo, ao contrário, tendo oferecido pelos pecados um único sacrifício, sentou-Se para sempre à direita de Deus, esperando desde então que os seus inimigos sejam postos como escabelo dos seus pés. Porque, com uma única oblação, tornou perfeitos para sempre os que Ele santifica. Onde há remissão dos pecados, já não há necessidade de oblação pelo pecado.

EVANGELHO Mc 13, 24-32

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Naqueles dias, depois de uma grande aflição, o sol escurecerá e a lua não dará a sua claridade; as estrelas cairão do céu e as forças que há nos céus serão abaladas. Então, hão-de ver o Filho do homem vir sobre as nuvens, com grande poder e glória. Ele mandará os Anjos, para reunir os seus eleitos dos quatro pontos cardeais, da extremidade da terra à extremidade do céu. Aprendei a parábola da figueira: quando os seus ramos ficam tenros e brotam as folhas, sabeis que o Verão está próximo. Assim também, quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que o Filho do homem está perto, está mesmo à porta. Em verdade vos digo: Não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão. Quanto a esse dia e a essa hora, ninguém os conhece: nem os Anjos do Céu, nem o Filho; só o Pai”.



ITINERÁRIO SIMBÓLICO

TEMA: “Consolar os tristes”.

CONCRETIZAÇÃO: O ano litúrgico caminha a passos largos para o fim. Os textos bíblicos assumem tonalidade apocalíptica; são muitos os sinais que nos apresentam a dimensão do limite e da dificuldade, mas, no fim, aparecerá a manifestação de “Jesus Cristo Rei e Senhor do universo”. Por isso, na certeza de que somos simplesmente considerados pela presença/proximidade do todo poderoso no Amor, propomos que se faça um aglomerado de pedras ou troncos secos, em forma de pirâmide, tendo no cimo um pequeno círio aceso; este conjunto será rodeado, na base, por um círculo de flores mescladas com verdes.

MISSÃO

Esta semana podemos sentir o desafio de cultivar concretamente o sentido da presença de Deus. Podemos colocar um sinal junto da porta de casa (ex. Crucifixo ou Bíblia) para que, entrando ou saindo, sintamos a efectiva presença de Deus e a testemunhemos, seja em casa, seja no trabalho, na rua ou na escola.

REFLEXÃO

Na recta final do ano litúrgico, a Liturgia da Palavra remete para o “final dos tempos”. É preciso estar preparado? Jesus Cristo alerta: não sabemos o dia nem a hora desse fim do mundo que suscita tantas especulações... Mas a fé abre-nos novas perspectivas: Jesus Cristo vai reunir-nos na glória (evangelho) e, uma vez que o seu perfeito e “único sacrífico” nos salva (segunda leitura), saborearemos a vida eterna que nos foi prometida (primeira leitura). É esta convicção, esta confiança, que aclamamos (salmo 15), certos do amor com que somos amados.

“Brilharão como estrelas por toda a eternidade”

O livro de Daniel pertence ao género apocalíptico. Não se pode ler como o quarto dos “profetas maiores” (Isaías, Jeremias e Ezequiel), mas como representante da apocalítica judaica canónica: textos que têm uma predilecção pelo contraste entre o presente decepcionante e a esperança num futuro glorioso! O protagonista situa-se na Babilónia, no império que resulta dos sucessos de Nabucodonosor, o conquistador e destruidor de Jerusalém, causador da deportação do povo de Deus. Mas, na realidade, refere-se à época da opressão causada pelos reis helenistas da Síria contra Jerusalém e da perseguição religiosa que acabou por desencadear a revolta dos Macabeus, no século segundo antes de Cristo. Na segunda parte deste livro especial e complexo — escrito em três línguas: hebraico, aramaico, grego — estão as “visões de Daniel”. Na imagética do texto proposto para primeira

leitura do trigésimo terceiro Domingo (Ano B) contempla-se o futuro escatológico. Os eleitos de Deus são aqueles cujos nomes estão “inscritos no livro de Deus”. Estes, apesar dos sofrimentos, serão salvos. O mundo divino representado aqui por Miguel — “o grande chefe dos Anjos, que protege os filhos do teu povo” — irrompe na história para levar a cabo o seu plano. Encontramo-nos num contexto singular: a luta das forças que obstaculizam o plano divino contra o Deus que salva o seu povo. O resultado final é uma vitória clara de Deus, que agrega a si os sábios e os justos: “brilharão como estrelas por toda a eternidade”. O texto é muito especial porque é, provavelmente, o primeiro do Antigo Testamento em que se evoca a ressurreição dos mortos (embora não se use o termo): “Muitos dos que dormem no pó da terra acordarão, uns para a vida eterna, outros para a vergonha e o horror eterno”. O Ano Litúrgico actualiza e realiza o mistério global da salvação. É preciso orientar o olhar para o futuro, movidos pela esperança, enquanto vivemos a experiência presente com constância e paciência. É importante percorrer o caminho que conduz ao final glorioso. Os crentes (cristãos) têm a missão de ser testemunhas da esperança enquanto partilham com os irmãos as circunstâncias da vida, sejam marcadas pelo sofrimento, sejam marcadas pela alegria. A interpretação dos textos apocalípticos possui estas duas versões: esperança para o futuro e testemunho consolador para o presente. Uma tarefa nada fácil de assumir no concreto do dia a dia!

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Durante o momento de preparação penitencial, sugere-se a fórmula B (*Missal Romano*, pp. 443 e 444).

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos:

Voltemos o nosso olhar para o Senhor e, como já recebemos em herança a fé no mundo que há-de vir, peçamos-Lhe confiadamente:

R. Pela vossa misericórdia, ouvi-nos, Senhor.

1. Pelos pastores e fiéis da santa Igreja, perseguidos por causa do nome de Jesus, que sentem o auxílio do Espírito que lhes dá palavras de sabedoria, oremos.

2. Pelos que sofrem a injustiça de outras pessoas e pelas vítimas de flagelos naturais, que continuam a ter a sua esperança posta em Deus que os ampara na provação, oremos.

3. Pelos que trabalham dia e noite com esforço, pelos que não conseguem trabalho e por todos os que vivem tristes, por falta de saúde, de amor ou do pão de cada dia, oremos.

4. Pelas pessoas angustiadas com o futuro e que não conseguem encontrar em Jesus esperança e paz, oremos.

5. Por todos os cristãos desta Paróquia e pelos que se reúnem cada Domingo em assembleia abertos à renovação que o Espírito pode operar nos seus corações, oremos.

Senhor, Pai Santo, concedei a todas as pessoas a graça de saberem que são vossas filhas e de construírem na terra as suas vidas, na esperança de Vos contemplar no Céu.

Por Cristo, Senhor nosso.

ADMONIÇÃO FINAL

A nossa celebração tende para o fim, mas deixa bem firme em nós a certeza de que perante todas as exigências, lutas e dificuldades do dia a dia, somos objecto do cuidado amoroso de Deus que jamais nos esquece; o Seu zelo e o seu amor ficou garantido: Ele está perto; está mesmo à porta. Vamos partir cheios de alegria e de esperança; o Senhor está connosco! Eles faz de nós suas testemunhas!

BÊNÇÃO E ENVIO

Bênção solene sobre o povo 24 (*Missal Romano*, p. 573).



RECORDANDO SÃO FRUTUOSO



Por ocasião das celebrações do 1350º aniversário da morte de São Frutuoso, a Escola de Música Litúrgica de São Frutuoso deslocou-se, no passado fim-de-semana, ao Bierzo, terra natal de São Frutuoso.

A viagem teve três objectivos: conhecer melhor o legado espiritual do santo arcebispo de Braga, pôr os alunos da Escola de Música Litúrgica em contacto com grandes instrumentos e músicos espanhóis, e, finalmente, divulgar o trabalho efectuado pelos alunos da Escola.

“Fomos acolhidos em Ponferrada pelo pároco de Nossa Senhora da Encina, padre Antolín Perez de Cella que nos acompanhou durante toda a estadia. No Sábado, partimos para Leon para visitarmos a sua magnífica catedral e o seu novo órgão. Tivemos a felicidade de ser acolhidos pelo Deão do cabido

da catedral e pelo seu organista, Samuel Rubio, que nos mostrou o órgão que é agora o maior da Europa”, explicou o padre Hermenegildo Faria, Director da Escola, ao *Igreja Viva*. O responsável afirmou ainda que o organista “realçou o papel das

catedrais na dinamização cultural e na sua relação com o culto”.

Na viagem de regresso para Ponferrada, a instituição passou por Astorga, diocese natal de São Frutuoso, onde foi recebida pelo Deão do cabido da catedral.

“Foi que nos apresentou a catedral e o vizinho palácio episcopal de Gaudí. Revindos a Ponferrada, ficámos alojados no Albergue dos peregrinos de São Tiago. Já no Domingo, depois de visitarmos o castelo dos templários e a sua magnífica colecção de livros medievais e participarmos na Eucaristia das 12h30 na Nossa Senhora da Encina, assumindo todo o canto da celebração, fizemos ainda um breve concerto”, resumiu o padre Hermenegildo, referindo-se ao resto da viagem.



AGENDA

13.11.2015

TERTÚLIA “SÍNODO DA FAMÍLIA: E DEPOIS?”

21h00 / Museu dos Biscainhos

VIGÍLIA DE ORAÇÃO

21h15 / Seminário Conciliar

18.11.2015

EUCARISTIA DOS UNIVERSITÁRIOS

19h00 / Centro Pastoral Universitário

CONFERÊNCIA ANO SANTO DA MISERICÓRDIA

21h00 / Basílica de S. Pedro (GMR)



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o padre Sérgio Torres.



Faça um Like



Siga-nos no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Ana Pinheiro, Filipa Correia), Flávia Barbosa
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



JOHN F. HAUGHT

CRISTIANISMO E EVOLUCIONISMO

Como é que as perspectivas científicas da vida em evolução podem ser conciliadas com as suas tradições religiosas? Esta é a questão que serve de pano de fundo às 101 perguntas e respostas da obra de John F. Haught. “Tomadas no seu conjunto”, as respostas contidas no livro “fornecem uma perspectiva ampla da forma como as pessoas tentam explicar o mundo em que vivem de um modo factual e religiosamente compreensível”. John Haught é professor de Teologia e ex-presidente do Departamento de Teologia da Universidade de Georgetown.

PVP
€ **14,13**

10%*
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 12 a 19 de Novembro de 2015.